

A IMAGEM E O ARTISTA: A LEGIÃO URBANA DENTRO DE SUA PRÓPRIA ARTE.

Gustavo dos Santos Prado
Mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Bolsista: CAPES
Email: gspgustavo.historia@hotmail.com

Introdução

Em tempos nos quais novas documentações tornam-se emergentes no cenário da história, a produção musical e aquilo que está circunscrito a ela, também amplia-se, como uma área gratificante, porém de grandes desafios, para aqueles que almejam ter em seu horizonte metodológico esse tipo de fonte; pois intrinsecamente, somos induzidos “as condições extremamente subjetivas, a imaterialidade do próprio objeto, a expressão localizada e a temporalidade do autor e de seu universo cultural”(MORAES, 2010, p.2).

Tal afirmação contundente e sem desvios, não perpassa somente pela análise das letras, muito em voga atualmente; mais ao introduzirmos nos estudos outras formas de produção, dentro da produção musical e do mercado fonográfico como um todo, as capas, contra-capas e encartes podem ser utilizados tendo como prisma o questionamento e indagação pertinentes ao ofício do historiador. Nesse contexto, a Legião Urbana encontra um campo profícuo para a análise e discussões, pois ao longo de sua trajetória (1985-1997), além das aspirações pessoais dos integrantes da banda, podemos encontrar nas artes dos álbuns, um leque de conhecimento sobre o contexto histórico no qual a mesma emergiu e sofreu influência.

A riqueza contidas nos encartes dos LP'S/CD'S, é resultado de uma gama de fatores, que podem ser sintetizados e sincronizados em três vertentes: ascensão do movimento cultural dos anos 80, tendo o rock como principal norteador de toda uma geração, do mercado fonográfico, e a sensibilidade da banda com o cuidado em passar nessas imagens as suas pretensões.

Indo ao primeiro ponto, os anos 80, foram marcados por uma série de contradições, onde o país oscilava entre o final do período militar e a ascensão da Nova República. Do fechamento do regime a abertura política, existia no ar o desejo de toda uma geração, em fazer com que o país caminhasse a passos largos rumo a um futuro promissor, não havendo, contudo, um respaldo prático no cotidiano nacional, onde:

Vive-se o conflito entre uma sociedade urbana, moderna na aparência das leis, e antiga na condução política. Os políticos e os grupos sociais dominantes tratam a maioria dos brasileiros como não cidadãos, estes entre si, reproduzem em diferentes formas e intensidades a mesma postura, contribuindo para o adiamento da conquista da democracia plena. (RODRIGUES, 1992, p.66)

A emergência do movimento musical juvenil se efetivou como uma crítica direta e incisiva a “década perdida”, sendo tais agentes herdeiros de um universo de problemas que

afetam todas as esferas do social, promovendo em grupos musicais um radicalismo a seu próprio contexto, fazendo com que os anos referidos tenham o cenário profundo e profícuo para a ascensão de várias bandas, dentre as quais a Legião Urbana, foco de nosso trabalho¹. Ainda, seguindo a ótica histórica proposta pela autora supracitada, a aparência moderna reflete nesses sujeitos históricos como um dos grandes paradoxos de seu tempo, indo a tal ponto, que a banda de forma incisiva, criticou de forma enfática aquilo que era proposto pelos dilemas da modernidade. "Nesse cenário, a obra de Renato Russo torna-se um objeto de análise rico, ao buscar elucidar a crise da modernidade e sua definição identitária perante a novas situações experimentadas"(GOMES, 2008, p.20)

Em consonância com a ascensão do movimento juvenil, temos a explosão do mercado fonográfico. A priori, as bandas surgem em paralelo com aquele, porém a emergência dessa ramificação da indústria cultural deu-se em grande medida, ao atrelamento de suas pretensões com o movimento do rock da década de 80, onde o mesmo "ganhou ares de novidade, observando o engajamento das companhias locais no sentido de promover e discutir o pop rock nacional brasileiro, interessados no mercado consumidor jovem". (DIAS, 2000, p.82)²

A Legião Urbana insere-se nesse contexto, onde suas músicas de protesto ecoam em corações e mentes, promovendo na figura de Renato Russo uma espécie de messianismo, "onde dava a impressão que suas músicas se dirigiam a cada pessoa em particular" (DAPIEVE, 2000, p.92). Conjuntamente com as músicas, bem produzidas e com letras empolgantes, as capas também possuem mensagens que podem ser questionadas ou decodificadas. Para tanto, tendo em mente o momento histórico vivido por esses sujeitos juvenis, algumas perguntas são indispensáveis: De que forma os integrantes da banda aparecem nas capas? Como as mesmas vão se modificando com o passar do tempo, e de que forma reproduzem o momento vivido pela banda? Será que há certa uniformidade de idéia nas imagens passadas? Em que sentido ou como podemos entender a mensagem da Legião Urbana ao longo de sua trajetória, lendo e questionando essas imagens? Para dar cabo de

¹ Como sinaliza Alexandre (2002, p.50) economicamente, a situação do país era delicada(...), onde o perfil do jovem brasileiro eram de garotos que de uma hora para outra, perderam o acesso a diversão e ao consumo, jovens que buscavam informação e sentiam-se excluídos e marginalizados. Em outras palavras, eram punks.

² A globalização de informações musicais e a criação de uma demanda para o consumo de gêneros exóticos do Primeiro Mundo permitiram que por seu aspecto peculiar, o rock brasileiro despertasse a atenção das grandes corporações(...), gerando oportunidades para o reconhecimento de bandas e artistas brasileiros. (BRANDIN, 2004, p.71-72)

tantas proposições, iremos utilizar as imagens (fotos, desenhos, símbolos) dos álbuns da banda gravados em estúdio³, sendo que cada um estará circunscritos a sua temática principal.

2) A explosão da Legião Urbana: o retorno ao coletivismo e a procura de saídas ao mal estar da modernidade.



Figuras 1 e 2: Legião Urbana. Capa e Contracapa do LP *Legião Urbana*, Emi-Odeon, 1985. Produzido por: Mayton Bahia; Direção Artística: Jorge Davidson; Produção Executiva: José Emílio Rondeau; Projeto Gráfico: Ricardo Leite; Fotos: Maurício Valadares; Desenhos: Marcelo Bonfá; Arte do Encarte: Renato Russo.

Podemos identificar a origem da banda, devido ao símbolo da explanada dos ministérios, em Brasília. Abaixo há um índio, segurando um arco e flecha, simbolizando a luta por valores tradicionais que davam o tom da organização social, em especial, ao coletivismo. Ainda, temos quatro indivíduos, cada um olhando para uma dada direção, o que demonstra a falta de horizonte dos sujeitos contemporâneos e a busca por “novas saídas” (RAMOS 2010, p.152). Contudo, ao olhar mais atento no jogo de sombras, podemos notar que os lados claros das faces se encaixam perfeitamente nas partes escuras, indicando a união do grupo, na defesa de suas idéias⁴. Na contracapa, temos os quatro componentes do grupo em uma “mata”, local no qual os sujeitos se mostram perdidos, onde dois integrantes se apresentam procurando saídas,⁵ enquanto há outro de cabeça baixa⁶, demonstrando sinal de desolamento. Ao fundo, Renato Russo, aparentemente se mostra indiferente a tal situação, olhando fixamente no horizonte, indicando que possivelmente, haja uma saída.

Isso posto, deixa claro a tônica de todo o álbum da banda, mostrando a busca por uma direção em um mundo no qual esses sujeitos não viam, como certa, a estabilidade; devido a uma série de novos valores que se impõe na sociedade, oriundos de novas formulações sociais, onde “algumas das influências que supunha antes, tornavam a vida mais segura e

³ Ao todo a Legião Urbana realizou oito trabalhos em estúdio todos com o selo da gravadora EMI-ODEON: Legião Urbana (1985), Dois (1986), Que país é esse (1987), As Quatro Estações (1989), V (1991), O descobrimento do Brasil (1993), A tempestade ou o Livro dos dias (1996), Uma outra estação (1997).

⁴ Toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade(..) sendo a representação, um meio de informação e conhecimento, onde o tema é captado através de uma atmosfera cuidadosamente arquitetada; imagem onde a informação se vê registrada dentro de uma preocupação plástica(KOSSOY, 2001, p.47-49)

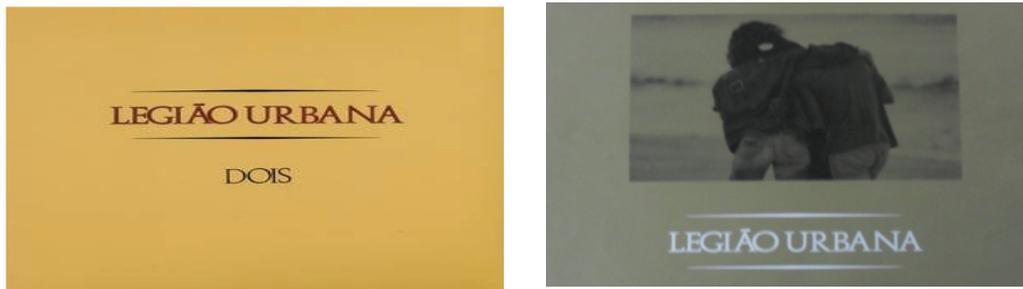
⁵ Renato Rocha à direita e Marcelo Bonfá à esquerda

⁶ Representando por Dado Villa-Lobos.

previsível para nós, entre elas o progresso da ciência e da tecnologia, tiveram muitas vezes o efeito oposto.”(GIDDENS, 2000, p.14)⁷

Dessa forma, já em seu primeiro álbum, a banda passa a dar o seu recado de protesto a uma série de valores que compõem a sociedade na década de 80. O tom crítico e a busca por soluções, encontradas nas letras desse trabalho, também podem ser visto na arte dos álbuns. O princípio norteador da banda está lançado⁸

2) O amor adolescente e seus dilemas: a simplicidade e o lirismo da Legião Urbana



Figuras 3 e 4: Legião Urbana. Capa e Encarte do LP *Dois*. Emi-Odeon, 1986 Artistas: Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá, Ricardo Rocha; Direção Artística: Jorge Davidson; Produção: Mayrton Bahia; Técnico de Produção: Amaro Moço;

Podemos notar que o LP *Dois* não possui nenhuma foto na capa. Esse trabalho da Legião só possui o nome da banda e do álbum, apresentando duas retas paralelas, que automaticamente, nunca se cruzam. Ora, tais retas, representam possivelmente namoros e relacionamentos, geralmente mal-sucedidos, que serão o eixo temático principal. Embora haja músicas de questões políticas, a maior parte das faixas, remete a relação do eu com o próximo, geralmente em caráter conflituoso. Contudo, em seu encarte há um casal abraçado, tendo como pano de fundo as ondas do mar, induzindo que possivelmente a questão do relacionamento, do amor e do sentimento são viáveis para aqueles que almejam. Ainda, vale ser notado, que no espaço visual trabalhado, há abaixo da foto, o nome da banda com as mesmas retas paralelas, contudo em tons de branco. Ao parafrasear Gheerbrant e Chevalier (1990, p. 141) “o branco é um valor limite, assim como duas extremidades da linha infinita no horizonte. È uma cor de passagem, de sentido”, induzindo possivelmente a iniciação.

Conseqüentemente, intui-se que o relacionamento entre jovens é um ritual no qual deparamo-nos com a idéia de iniciação, que pode ser sucumbida pelas retas em paralelo, ou

⁷ Bernan (1986, p. 12) coloca que o ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente, destruir comunidades, valores, vidas e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando em nosso mundo.

⁸ Russo (1988) afirma que “Agora tem que tentar um novo caminho, sem ter nenhuma saída: o povo está sem educação, sem alimentação e a estrutura política está sem base ética (...) O máximo que você pode fazer é tentar se interiorizar, buscar algo mais tribal, de sobrevivência mesmo, tanto no nível pessoal, como intelectual, informativo, social, político, sexual, tudo. In Assad (2000, 146)

abraçados tendo no horizonte um belo pano de fundo. Contudo, há de ressaltar que os sujeitos abraçados na foto, possuem basicamente o mesmo estilo de vestuário, sendo possivelmente representados a idéia de afinidade⁹, fundamental no processo que possui em seu vértice o relacionamento.¹⁰

Ao decodificarmos o que está por trás dos símbolos imagéticos que compõem os álbuns da banda, o diálogo entre as diversas imagens e signos torna-se imprescindível.

3) A crítica ao estado brasileiro em sua forma pura: a Legião em pouco tempo, volta às suas raízes.



Figura 5. Legião Urbana. Capa do Álbum: *Que país é este*, Emi-Odeon, 1987. Artistas: Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá, Ricardo Rocha, Direção Artística: Jorge Davidson; Produção: Mayrton Bahia; Foto de Capa: Renato Junqueira, Fotos de Encarte: Marcelo Benzaquém, Renato Junqueira, Projeto Gráfico: Fernanda Villa-Lobos.

A capa desse álbum é somente a foto. Não aparece, absolutamente, nenhum símbolo da banda, nome, selo ou marca de gravadora.

Por que tal foto foi feita dessa forma e colocada na capa? Qual é a mensagem que a mesma quer passar? Olhando os planos de fundo, podemos notar que a imagem está em três partes. Na primeira temos um branco¹¹ e um negro¹², basicamente no mesmo plano, talvez indicando que esse país, que está sendo representando, possui desigualdades a nível social e racial, possivelmente chamando a atenção para o racismo, pois o único que está vestido de branco é um negro, demonstrando possivelmente, que todos somos iguais. Em segundo plano, temos dois sujeitos, um olhando diretamente para a foto¹³, e o outro, sendo Renato Russo, o único que desvia o seu olhar da câmera, indicando a sua indignação; recusando-se a ficar defronte a

⁹ Dubois (1994 p. 61-63) afirma que a fotografia pertence a toda uma categoria de signos(...), onde engloba todos os signos constituídos a partir de um simples semelhança de princípio como os que se designam, de qualquer ordem que seja.

¹⁰ “Eu adoro falar de relacionamentos humanos, e é isso o que eu vejo: a solidão, as pessoas que se escondem. Quantos casamentos eu conheço que não deram certo por que as pessoas, não se conhecem, não se entendem”.(RUSSO, 1990) In Assad (Op.cit)

¹¹ Representado por Marcelo Bonfá.

¹² Representado por Renato Rocha.

¹³ Representado por Dado Villa-Lobos.

um país onde suas distorções sociais são notórias. As quatro feições dos sujeitos são fechadas, demonstrando, visivelmente, a insatisfação dos mesmos com o seu cotidiano vivido.¹⁴

Mais ao fundo, só existe a imagem de uma mata, supostamente trazendo à tona uma relação com um país atrasado, em algumas questões que são elencadas ao longo do álbum. As imagens dos indivíduos representando a sociedade, e a mata, simbolizando o país, dão visibilidade às temáticas que serão desenvolvidas pela banda.¹⁵

Além das fotos com representações de protesto, o encarte do álbum possui outras formas de linguagem, demonstrando as relações e conflitos existentes dentro da própria banda:

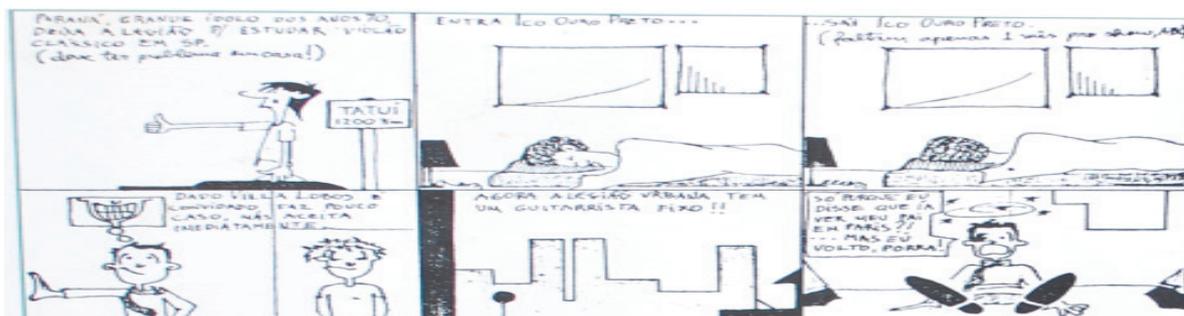


Figura 6- Legião Urbana. Arte do Encarte do Álbum: *Que país é este*. Emi-Odeon, 1987.

A representação da charge demonstra a entrada de Dado Villa - Lobos como integrante da banda. Essa dificuldade de encontrar um guitarrista é notória, e foi reconhecida por Russo ao longo de sua carreira. Além disso, vale destacar a genialidade e a criatividade de Marcelo Bonfá, na realização da arte das capas¹⁶. Logo, tal forma de mensagem também contribui na reconstrução do passado vivido pela banda, fazendo com que essa tenha um cuidado especial no trato e criação de seus álbuns. Aglutinando uma série de linguagens em seus trabalhos, a Legião Urbana conseguia, assim, trazer a tona diversas mensagens, com o intuito de ser decodificadas ou reapropriadas pelos seus fãs e ouvintes.¹⁷

¹⁴ Ressaltado por Capellari (2004, p.33) durante os anos 80, a economia brasileira foi marcada por graves desequilíbrios externos e internos que exigiam das autoridades, a implantação de inúmeros ajustes econômicos, muitas vezes com consequência desfavoráveis para o emprego e a renda da maior parte da população brasileira

¹⁵ Como afirma Ciavatta (2004, p. 45):“as fotografias são de relações silenciosas, densas, congeladas, no tempo mínimo do observador. Mundo de seres calados e imóveis que devem ser decifrados a partir do contexto onde se encontram, há história de sua relação com os demais seres, tanto pessoas, quando objetos. São o conhecimento dessas relações ocultas, expressões complexas do mundo da cultura, que permitem aproximarmo-nos das fotografias além do prazer estético, de sua imediatividade encantadora. É esse o caminho da fotografia como fonte histórica.”

¹⁶ Veremos mais adiante, como o citado, se destaca no que tange a criação e reapropriação de símbolos vistos em seu cotidiano, sendo traduzidos para a realidade da banda e das pretensões dos álbuns

¹⁷ Como afirma Souza (2008, p.59-60) essas relações de tempo vivido são apreciadas e exteriorizadas pelas canções e por todo um conjunto de símbolos e práticas forjadoras de identificação. As leituras sugerem um aprisionamento do presente, tendo em vista a negação dos marcos e elementos significantes do passado e a impossibilidade de se alcançar o futuro, onde os jovens falando de suas experiências de que alguma forma foi partilhada com a mesma faixa etária naquele momento.

4) O que mudou em as quatro estações?

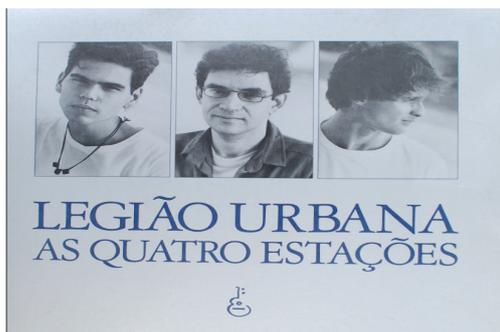


Figura 7: Legião Urbana. Capa do Lp *As Quatro Estações*, Emi-Odeon, 1989. Artistas: Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá, Ricardo Rocha, Direção Artística: Jorge Davidson; Produção: Mayrton Bahia; Fotos: Isabel Garcia; Direção de Arte e Execução: Fernanda Villa-Lobos, Coordenação gráfica: JC Mello.



Figura 8. Legião Urbana. Foto de Encarte do Lp *As Quatro Estações*, Emi-Odeon, 1989

Ao final dos anos 80, temos uma mudança cultural de grande amplitude nas pretensões da Legião Urbana. A sua obra, passa a se dedicar a outras temáticas, não ficando somente centralizadas nos problemas de ordem social ou político. Há, aqui, uma diminuição gradativa das músicas de protesto social, indo em direção a um plano mais abstrato, psicológico e espiritual. O álbum em questão é mais sereno é menos incisivo.¹⁸

Nitidamente, há uma inversão no que tange a forma que diversos problemas são colocados em sua arte. O tom ríspido e agressivo cede espaço a letras mais metafóricas e brandas, com uma larga inspiração em textos orientais, “em especial o budismo” (Dapieve, op.cit, p.107-108)¹⁹. A foto de capa do álbum destoa totalmente das anteriores, sendo que as fisionomias de todos os integrantes são mais serenas, pacifistas e alegres, observados também na figura 8.

Completando essa mudança na expressão facial e estética, há na capa uma oscilação de cores que resultam em um tom acinzentado, sendo esse o símbolo de uma “tomada de consciência”²⁰, colorindo com grande propriedade as pretensões dos artistas e da temática do álbum.



Figura 9: Legião Urbana. Símbolos do encarte do LP *As quatro estações*. Emi-Odeon, 1989.

Destarte, além das idéias simbolizadas no álbum, já supracitadas, comparando a capa com o símbolo expresso, percebem-se outras intenções da banda: onde o triângulo (simbolizando a

¹⁸ “Gostaria que o disco fosse ciclos, a perda da inocência. Seria basicamente isso: primavera, verão, chega o outono e caem todas as folhas. E, no inverno, fica a árvore toda daquele jeito. Mais, aí, vem à primavera de novo. Quer dizer você pode escolher ter uma nova primavera”(RUSSO, 1989). In Assad (op.cit, p.208)

¹⁹ De acordo com Percheron (1994, p. 50-51), sobre o budismo, longe de ser uma criação definitiva da natureza, o homem com seus defeitos e qualidades encontra-se no direito de considerar-se como abertos diante de si, os mais vastos horizontes do aperfeiçoamento pessoal. Desde um começo imprevisível o homem evoluiu e continuará a evoluir, sendo que a doutrina foi concebida para ajudar na libertação espiritual tanto no plano psicológico como moral.

²⁰ Op.cit (1990, p.248)

divindade, a harmonia, a proporção)²¹, a meia lua (refletindo a idéia de morte e ressurreição)²², o coração (sede dos sentimentos)²³ e o laço (em seu sentido de encruzilhada, é o local propício para que as pessoas se desembaracem das forças residuais, negativas, inaproveitáveis e nocivas)²⁴. A simbiose catártica entre os símbolos representados, de certa forma, também oferecem respaldo para a mudança proposta por esse trabalho.

Notadamente, incluindo e indo além das canções, há um diálogo profícuo entre os vários símbolos imagéticos, presentes nesse tipo de trabalho. Pela sua arquitetura, nota-se, um cuidado especial com a mensagem passada. O diálogo entre os símbolos, as cores centrais e as faces dos sujeitos que compõem a banda, dão a idéia de mudança temática do álbum, onde segundo Dubois (Op.cit. p209) “toda a composição compromete um jogo de valores plásticos extremamente complexos, sutil, variável, impressionante e cultural.”

5) A complexidade simbólica, artística e temática do V: algumas afirmações e considerações.



Figura 10: Legião Urbana. Capa LP V, Emi-Odeon, 1991. Produzido por Mayrthon Bahia e Legião Urbana, Direção Artística: Jorge Davidson, Assessoria Gráfica: Arthur Froes; Coodenação Gráfica: Egeu Laus; Foto: Dario Zalis,

O trabalho aqui exposto é um dos mais polêmicos, no que tange a produção da banda. Saindo do lirismo, psicologismo e espiritualismo de “As quatro estações”, entramos em um trabalho mais radical, contundente e altamente simbólico, seja na sua parte material ou musical. Seu eixo principal gira em torno de problemas sociais, mais tendo como prisma norteador, a visão de um usuário de droga e sua aceitação.

O nome da banda aparece na capa de forma “turva”, sem simetria, fazendo uma associação com o olhar, ou a forma que o usuário observa o mundo. Ainda, o desenho possui a meia lua e a estrela de oito pontas. A primeira, vista como morte e regeneração²⁵, enquanto o octograma é o símbolo da criação, “mais de modo algum uma criação realizada, e, sim, em vias de se realizar”²⁶

²¹ Ibidem, p.903

²² Ibidem, p.563

²³ Ibidem, p.208.

²⁴ Ibidem, p.387

²⁵ Ibidem; p.569.

²⁶ Ibidem; p.409



Figura 11: Legião Urbana. Foto de Encarte do LP *V*, Emi-Odeon, 1991.

Pela temática central do álbum, as fotos do encarte assumiram uma postura diferente das anteriores. Não há um olhar plácido e imóvel em tom de protesto, tampouco uma face serena, com tons acinzentados; e sim uma postura de reflexão perante os problemas vividos em seu cotidiano. Bonfá à esquerda e Villa – Lobos à direita, possuem um tom de camisa que se confunde com o cenário de fundo. Renato Russo, ao centro, de blusa preta, no fundo mais claro é o destaque da foto, induzindo possivelmente que os problemas elencados pelo álbum são de ordem social²⁷, mais vividos de forma intensa pelo principal expoente da banda. Contudo, apesar dos temas abordados serem complexos, a simbologia envolvida no álbum faz com que o mesmo contenha uma abordagem suave e metafórica. Renato afirma ao repórter Alex Antunes: Se eu falar do que está rolando, da miséria, da angústia, eu terei que falar disso numa maneira que não agrida, porque já existe muita, muita, muita agressão. Se a gente não tivesse tanta responsabilidade(...) com certeza estaríamos fazendo outras coisas.²⁸

O resultado das aflições afetivas, espirituais e sociais da banda; permitem como resultado um trabalho altamente subjetivo e simbólico. No entanto, derivado da resultante, há uma preocupação estética fantástica, sendo a simbiose do momento vivido por Renato Russo, por ele considerado um álbum de transição.²⁹. Em se tratando da arte visual da capa, o cuidado com os símbolos concatenados à idéia principal, materializam-se no trabalho *V* numa enormidade de detalhes.



²⁷ Como afirma Sposilo (1993, p. 161-178) “a cenários diversos de conflitos e de ações coletivas que aparecem nos anos 80 e início da década atual, trazendo outros autores, formas de apropriação e uso do espaço urbano, redes de sociabilidade e nova imagem da conflitividade social na cidade, onde os laços com instituições tradicionais como a família, estão se tornando cada vez mais difusos, fazendo com que vários problemas de ordem social sejam trazidos a tona”.

²⁸ Para ver a entrevista na íntegra: Revista BIZZ. *A longa jornada do trio, da fábrica de hits até o neoprogressivo*. Edição 78, janeiro de 1992.

²⁹ *Ibidem*;

Figura 12. Legião Urbana. Contracapa: Calendário solar. Álbum: *V*, EMI-ODEON, 1989.

A riqueza dos detalhes e o cuidado com os significados são expressivos na contracapa do álbum. Inspirado em símbolos do calendário asteca ou maia³⁰, o mesmo procura reproduzir essa temporalidade transitória expressa na banda, ou do principal letrista. Esse sistema permite a associação com os pontos cardeais, sendo que os símbolos do norte, demarcados acima, são rotulados pelos ameríndios como sendo da aridez e da seca³¹. O que mais impressiona, é que os símbolos do norte são reproduzidos igualmente aos do sul. Subtendemos, tendo em mente o momento vivido de Russo, que metade de seu ano é formado por problemas de ordem pessoal, com dias instáveis e nebulosos, e metade há dedicação do mesmo para com a sua banda e seu trabalho.³² Como afirma Op.cit (1990, p.168):

Estabelecer um calendário é adquirir segurança, é organizar o tempo, do mesmo modo que se constroem diques a fim de regularizar o curso de um rio; é ter-se a impressão de dominar, através da regulamentação, aquilo que não se pode escapar (...) A contemplação de um calendário evoca um perpétuo reinício.

6) Vamos descobrir o Brasil? O convite da banda em explorar o país que não conhecemos !



Figuras 13 e 14. Legião Urbana. Capa e Contracapa do Cd *O descobrimento do Brasil*. Emi-Odeon, 1993. Produzido por Mayrton Bahia e Legião Urbana. Produção Executiva: Rafael Borges, Edição e Masterização: Ivo de Carvalho, Direção Artística: José Augusto, Projeto Gráfico: Fernanda Villa – Lobos e Barrão, Fotos: Flávio Colker, Cenário: Luiz Zernini e Barrão, Coordenação Gráfica: Egeu Laus

³⁰ Até o presente momento, em confronto com as outras partes do álbum, o calendário *tonalpohualli*, em asteca, ou *tun*, em maia, corresponde ao ano da adivinhação, sendo seu original formado de uma combinação de vinte signos, onde o sistema cronológico possui como finalidade a medição do tempo com meios astronômicos, determinado o sentido de cada indivíduo e do grupo. Doravante, é uma tentativa de trazer no plano visual aquilo que é abstrato, dependente de uma série de fatores externos. Ainda, o calendário desses povos é composto de uma mescla do ano da adivinhação, aglutinado ao solar em consonância ao calendário venusiano. (SOUZELLE, 1970)

³¹ Ao que indica, ao concatenarmos os três calendários em um só, temos o norte com a denominação de “*tecpalli*”, não sendo o mesmo bem visto pelos antigos povos da mesoamérica. (Op.cit, 1991, p.170)

³² Gostaria de ressaltar que a interpretação de um calendário é um elemento complexo. Se hoje há grandes discussões referentes à base do calendário maia ou asteca, a de se pressupor que aquilo que foi exposto sobre o mesmo, possui suas definições tendo como base o momento vivido por Russo, as letras contidas nos álbuns, as quais não faço referência devido a questão de espaço, e suas declarações acerca de sua visão de mundo. Partindo desse pressuposto, chegamos a essas afirmações expostas, que de nenhuma forma, são conclusivas e circunscritas a fiel realidade. Essa seria e será impossível de ser atingida, pois mais que ajam levantamentos, questionamentos e diálogos com outras fontes.

O trabalho em questão contrasta em todos os ângulos com o V. Aqui, há presente um retorno as músicas e temas cotidianos, falando diretamente ao jovem, em um tom mais suave e menos melancólico. Notadamente, o cuidado com os detalhes é notável: se é necessário descobrimos o país, a foto remonta as origens. Conseqüentemente, há na capa e contra capa a representação do português, por Villa – Lobos, do servo, por Marcelo Bonfá, e totalmente de preto e em luto, Renato Russo, representando um membro da Igreja. O fundo colorido de flores, em contrastes com os elementos formadores da banda, nos passam a impressão de que esse país, possui suas belezas naturais, mais necessita inerentemente ser descoberto, a fim de buscar e otimizar suas verdadeiras potencialidades.³³

7) A Legião Urbana está na tempestade: a beleza das imagens e o cuidado da produção chegam no seu ápice.



Figura 16. Legião Urbana. Vitrais da Catedral de Chartres. Álbum: *A tempestade*. Emi – Odeon, 1996.

Figura 15: Legião Urbana, Capa do Cd *A tempestade ou o Livro dos dias*, Emi – Odeon, 1996. Produzido por: Dado Villa Lobos e Legião Urbana, Produção Executiva: Rafael Borges, Direção de Produção: João Augusto, Fotografias: Ernesto Baldan (Dado), Flávio Colker (Renato) e Livio Campos (Marcelo). Projeto Gráfico: Renato Russo e Egeu Laus, Ilustrações Libreto: vitral do século XIII, Catedral de Chartres e desenho de Marcelo Bonfá.

O álbum intitulado “a Tempestade”, é um reflexo claro do momento nebuloso da banda. Destarte, de todos os álbuns até aqui vistos, é o mais pessoal e privado dos integrantes. A situação era complexa devido à precariedade da saúde de Renato, onde a AIDS avançava em ritmo acelerado, conjuntamente com a depressão³⁴. O tom de azul³⁵ é latente em toda a arte do álbum, sendo que na capa, ha símbolos, como o orvalho, que literalmente colocam o nome da banda imersos na tempestade.

Contudo, ao viramos a capa nos deparamos com uma adaptação do Vitral de Chartres, realizada por Marcelo Bonfá. Além do tom típico dos Vitrais da igreja gótica, em azulado, há a presença de uma mulher, a esquerda, um rei ao centro, e um cavaleiro a direita. Todos estão

³³ Russo (1993) In Assad (op.cit, 74) afirma que o trabalho é uma maneira de dizer que o Brasil não é exatamente tão ruim como a gente vê. A gente precisa descobrir o Brasil (...) Gostaria de crer que se trata de um disco mais realista e esperançoso.

³⁴ Dapieve (op.cit, p.159-161)

³⁵ Segundo Op.cit (1990, p.107) o azul é a cor do vazio exato, puro e frio.

montados em um cavalo, sendo que os três, respectivamente, são o símbolo da proteção a vida³⁶, do conhecimento integral³⁷ e da luta contra as forças do mal.³⁸ Tendo os personagens representados em mente, com a simbologia dos vitrais³⁹, podemos chegar a um consenso que os sujeitos da banda encontram-se protegidos, ou em busca de proteção. Contudo, a folhearmos o “Livro dos Dias”, nos deparamos com essas imagens:



Figura 17. Encarte do Cd *A Tempestade*. Emi-Odeon, 1996



Figura 18: Encarte do Cd *A tempestade*, Emi-Odeon, 1996.

A proteção advinda dos símbolos interpretados nos vitrais se foram. Consequentemente, na linha do horizonte vemos a mulher, o rei e o cavaleiro partindo sem destino, deixando na sequência do álbum, os indivíduos da banda totalmente a deriva na tempestade. As feições fechadas e escuras da face contrastam com o azul ao fundo. Notoriamente, a Legião Urbana, sentia-se a deriva no tempo, sem acreditar ou possuir nenhum tipo de proteção. Notável reflexo de um final melancólico, que inevitavelmente ocorreu.⁴⁰

8) Uma outra estação: ao final das contas, cada um segue seu destino.



Figuras 19 e 20. Legião Urbana. Capa e Contra Capa do Cd *Uma outra estação*. Emi-Odeon, 1997. Produzido por Dado Villa – Lobos e Legião Urbana. Coordenação Executiva: Rafael Borges, Projeto Gráfico: Barrão e Dado Villa – Lobos, Ilustrações: Marcelo Bonfá, Fotografia: Flávio Colker.

³⁶ Ibidem, p. 598

³⁷ Ibidem, p. 776

³⁸ Ibidem, p.202

³⁹ Como afirma Nicolas (2001, p.191-192) o vitral é um instrumento de transição, que canalizado a luz, difunde um potencial evolutivo e de transformação através de seus raios coloridos, sendo as palavras de Deus guiando o homem na terra. Conceição (2000) ressalta o caráter de instrução dos vitrais, mais leva sua interpretação para o caráter mais abstrato, onde há nítida impressão de converter os sujeitos a fê, dando a sensação de proteção proveniente da luz divina.

⁴⁰ Notadamente, gostaria de ressaltar o cuidado gráfico e estético existente nesse tipo de trabalho. Os símbolos e as fotos estão nos devidos lugares, em concordância com a mensagem que quer ser passada. Sobre o álbum referido, Russo (1996) afirma: “Ansiedade, Ansiedade e Ansiedade. E certeza de ter feito realmente o nosso maior esforço. Sabe, gente, a gente não pisou na bola não! As pessoas podem não gostar, mas não tivemos momentos de preguiça, soberba ou atraso. Tudo foi feito com muito amor, muita técnica e muito ofício.”

O trabalho póstumo, devido à morte de Russo em outubro de 1996, e conseqüentemente, com o fim da Legião Urbana, conta a história da banda com o passar do tempo. Na capa, há uma ilustração de um parque, remetendo, de certa forma, a infância de cada um. A letra corrida é latente em toda a obra, sendo uma espécie de testamento. O tom suave empregado e as cores, nos passam uma sensação de descanso. Ao final das contas, cada um é obrigado a seguir o seu caminho. Contudo, esse não é colocado de forma fatalista; mais sim de traçado colorido, de horizonte azulado, contrastado com as diferentes paisagens que podemos encontrar. O caminho acaba ficando em aberto, não só para os integrantes da banda, mais para aqueles que acompanharam sua trajetória.

9) Apontamentos conclusivos

A leitura das imagens encontradas nas capas nos permite entender a evolução da banda com o passar do tempo. A princípio, as imagens fortalecem de forma enfática a idéia de grupo e o protesto contra o estado constituído, sendo um espelho dos males sociais existentes na década de 80⁴¹, mostrando os traços que serão marcantes da banda. Todavia, há imagens mais serenas, encontradas em “Dois” (1986) e “As Quatro Estações” (1989), sendo que a variante dos símbolos e das posições fotográficas são o reflexo do momento vivido pelo grupo, que em grande medida, não deixa de ser social. No entanto, a obra da Legião Urbana passa por uma inflexão no Lp “V”(1991), onde o cuidado com as imagens colocadas e a fantasia simbólica dos signos escolhidos, apesar de sua carga pessimista, reflexo do momento de Russo, são mais presentes. A criação de um calendário próprio para demonstrar seu momento vivido reflete o elevado patamar artístico da banda.

O trabalho intitulado de “O Descobrimento do Brasil” (1993) oscila por uma nova mensagem de otimismo, onde o horizonte e a paisagem de flores dão a tônica de uma nova visão de país, que a banda procurou demonstrar ou refletir. Em “A tempestade” (1996), temos um momento crítico do grupo, sendo um álbum espelho dos problemas existenciais de cada artista. A adaptabilidade dos vitrais, seus signos referidos, e a Legião Urbana mergulhada na tempestade, demonstram de forma clara, as pretensões pessoais e imagéticas do grupo, em seu momento vivido.

Nesse ínterim, se comparamos a capa do LP Legião Urbana (1985) (Fig.1) com a contracapa de Uma Outra estação (1997) (Fig. 20), temos a trajetória exata da banda: um grupo vindo de Brasília, que após 11 anos, está fadado a se dissolver e seguir seu caminho.

⁴¹ Visto em “Legião Urbana”(1985)e “Que país é este” (1987)

Automaticamente, somente com as duas imagens já teríamos o resultado final da trajetória da Legião Urbana.

Por fim, não há uniformidade nas fotos e imagens, por que elas são a materialização da metamorfose social e pessoal dos sujeitos que formaram o grupo. Ao longo de sua trajetória, houve uma preocupação latente dos integrantes com aquilo que foi colocado nas capas, contracapas e encartes. Em todas, há um cuidado em detalhes, com o que foi colocado para representá-los, passando de fotos a signos, sendo em grande medida, muito bem arquitetados. O questionamento das imagens permite entendermos a mensagem do grupo em cada álbum, e conseqüentemente, aquilo que esses sujeitos de grande sucesso passaram em suas vidas. Concluindo e remetendo ao título desse trabalho, podemos inferir que os elementos imagéticos que formaram a arte da Legião Urbana, oscilam entre uma representação social, ou pessoal, onde ambas estão em simbiose, sendo que a balança pende ora de um lado, ou para outro, dependendo do momento vivido e das pretensões dos artistas. Logo, dentro de sua própria arte, é totalmente possível entendermos o que a banda quis deixar de mensagem, seja com linguagem e signos mais simples, até os mais complexos. A imagem e o artista estão em total sintonia, o que traz um determinado sentimento de verdade, que em grande medida, foram à marca da Legião Urbana ao longo de sua carreira.

Referências

- ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de Luta: o rock e o Brasil dos anos 80*. 1º Edição. São Paulo: DBA Artes Graficas, 2002.
- ASSAD, Simone. *Renato Russo de A a Z: as idéias do líder da Legião Urbana*. 1º edição Campo Grande: Letra Livre, 2000.
- BERNAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Loriatti. 1º Edição. Companhia das Letras, 1986.
- BRANDIN, Valéria. *Cenários do Rock: Mercado, produção e tendências no Brasil*. 1º edição São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- CAPELLARI, Clayton Pedro. *Brasil, concentração de renda: indicadores sociais e política econômica dos anos 80*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: PUC, 2004.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, costumes, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva, 2º edição, Rio de Janeiro: José Olympo, 1990.
- CIAVATTA, Maria. Educando o trabalhador da grande família da fábrica: a fotografia como fonte histórica In: CIAVATTA Maria; ALVES Nilda (org). *A leitura de imagens em pesquisa social: história comunicação e educação*. 1º edição. São Paulo: Cortes, 2004.

CONCEIÇÃO, Hélio Requeira. *O que dizem os vitrais? Sua comunicação nos espaços sagrados de Saint – Chapelle e da Catedral de Notre-Dame de Chartres*. 1º edição Bauru: Edusc, 2000

DAPIEVE, Arthur. *Renato Russo: o trovador solitário*. 1º edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. 1º edição. São Paulo: Boitempo, 2000

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. 6º edição. Campinas: Papirus, 1994

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. Tradução: Raul Filker, 2º edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

GOMES, Cristiano Vinicius de Oliveira. *Depois do começo: as composições de Renato Russo: Modernidade – uma leitura da identidade cultural da geração dos anos 80*. Dissertação de Mestrado em História. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2º edição. São Paulo: Atêlie Editorial, 2001

MORAES, Jonas Rodrigues de. *Hibridismos musicais: o nordeste na produção Gonzagueana e Torquateana*. Texto integrante dos anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – Unesp- Franca, 6 a 10 de setembro de 2010.

NICOLAS, Pierre Alexandre. *O segredo das catedrais*. 1º edição. São Pauo: Triom, 2001.

PERCHERON, Maurice. *Buda e o Budismo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

RAMOS, Eliana Batista. *Rock dos anos 80: A construção de uma alternativa de contestação juvenil*. Dissertação de mestrado. PUC: São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Marly. *A década de 80*. Brasil: quando a multidão voltou as praças. 1º edição. São Paulo: Ática, 1992.

SOUSTELE, Jacques. *La vida cotidiana de los aztecas em vésperas de la conquista do México*. 1º Edição. México: Fondo de Cultura Económica, 1970

_____. *El Universo dos Astecas*. 3ª Edição. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

SOUZA, Fabio Francisco Feltrin. *Sons de um tempo: o rock dos anos 80 e o mergulho do presente*. Florianópolis: Percursos, v.9, n.1, pag.56-70, jan-jun de 2008.

SPOSILO, Marília Pontes. *A sociabilidade juvenil e a Rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. *Revista Tempo Social*. São Paulo: USP, 1993.

Revistas: Revista *Bizz*. *A longa jornada do trio, da fábrica de hits até o neoprogressivo*. edição 78, janeiro de 1992.

Álbuns: Legião Urbana (1985), Dois (1986), Que país é esse (1987), As quatro estações (1989), V (1991), O descobrimento do Brasil (1993), A Tempestade (1996), Uma outra estação (1997), Emi-Odeon.